

“Precisamos voltar para o centro da encruzilhada”.
Entrevista com Sidnei Nogueira

“We need to get back to the centre of the crossroads”.
Interview with Sidnei Nogueira

“Tenemos que volver al centro de la encrucijada”.
Entrevista a Sidnei Nogueira

Fernanda Carrera

Universidade Federal do Rio de Janeiro | fernanda.carrera@eco.ufrj.br

Denise Carvalho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte | denisecarvalho.mail@gmail.com

Sandra Martins

Flávia Fontes

Amanda Moura

Rosane Romão

Ana Carla Ferreira dos Santos

Catharina Marques

Universidade Federal Fluminense

| sandra3martins@gmail.com | fontes_flavia@yahoo.com | amanda.moura87@gmail.com

| rosaneauore@gmail.com | anacarlaf@globo.com | catharinnacosta@idd.uff.br

Maiza Soares

Ana Luiza Farias

Universidade Federal do Rio de Janeiro

| maizakistersoares@gmail.com | alfarias26@gmail.com

Submissão: 8 maio 2022

Aceite: 29 jul. 2022

Resumo: Em entrevista ao Laboratório de Identidades Digitais e Diversidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro (LIDD/UFRJ), concedida ao final de 2021, o professor e babalorixá Sidnei Nogueira fala sobre regimes de colonialidade que fundamentam o pensamento científico e a construção do conhecimento na contemporaneidade, mostrando como Exu e saberes pretos podem ser a ginga epistemológica necessária, uma volta importante ao centro da encruzilhada para dissolver cristalizações eurocêntricas e propor outros caminhos.

Palavras-chave: Sidnei Nogueira; Exu; epistemologias de terreiro; saber preto; encruzilhada.

Abstract: In an interview for the Digital Identities and Diversity Laboratory from the Federal University of Rio de Janeiro (LIDD/UFRJ), given at the end of 2021, professor and babalorixá Sidnei Nogueira talks about regimes of coloniality that underlie scientific thought and the construction of knowledge in contemporaneity, showing how Exu and black knowledge can be the necessary epistemological ginga, an important return to the center of the “crossroads” to dissolve Eurocentric crystallizations and propose other paths.

Keywords: Sidnei Nogueira; Exu; terreiro epistemologies; black knowledge; crossroads.

Resumen: En una entrevista para el Laboratorio de Identidades Digitales y Diversidad de la Universidad Federal de Rio de Janeiro (LIDD/UFRJ), concedida a finales de 2021, el profesor y babalorixá Sidnei Nogueira habla de los regímenes de colonialidad que sustentan el pensamiento científico y la construcción del conocimiento en la época contemporánea, mostrando cómo Exu y el conocimiento negro pueden ser la ginga epistemológica necesaria, un importante retorno al centro de la encrucijada para disolver las cristalizaciones eurocéntricas y proponer otros caminos.

Palabras clave: Sidnei Nogueira; Exu; epistemologías terreiro; conocimiento negro; encrucijada.



Esta entrevista com o professor e babalorixá **Sidnei Nogueira** foi concedida, no dia 8 de dezembro de 2021, ao Laboratório de Identidades Digitais e Diversidade (LIDD), grupo de pesquisa alocado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e liderado por Fernanda Carrera, professora da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF).

O convite para a entrevista foi motivado pelo interesse do grupo no debate a respeito de saberes de terreiro como teorias e métodos no avanço epistemológico contemporâneo, considerando projetos de construção de conhecimento arreatados pela potência de Exu. Como avançar em ações científicas descolonizatórias a partir da legitimação de saberes por tanto tempo deslegitimados

culturalmente? Como é possível pensar em metáforas religiosas como caminhos epistemológicos ricos para pesquisas e projetos teórico-científicos? Estas eram algumas questões circulantes nos debates do grupo de pesquisa que e foram elucidadas pelo professor Sidnei na entrevista.

Autodenominado pensador preto decolonial, Sidnei Nogueira é babalorixá da Comunidade da Compreensão e da Restauração Ile Ase Sàngó (CCRIAS), de Suzano (SP). É também mestre e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Autor das obras *Coisas do povo do santo* (SRS, 2011) e *Intolerância religiosa* (Coleção Feminismos Plurais, Pólen, 2020), tornou-se uma referência brasileira importante a respeito de temas ligados a línguas africanas, africanidades, epistemologia de terreiro, racismo, homofobia, colonialismo e decolonialidade. A seguir, transcrevemos a conversa realizada de forma remota.

* * *

Na discussão epistemológica, quais são os caminhos que o senhor propõe com base nos saberes de terreiro? De que epistemologias estamos precisando?

Sidnei Nogueira:

Bom dia a todos, bom dia a todas, bom dia a todes, e com base em Exu, bom dia a “todex”, que termina com x, ex, e é um ex expansivo do aglutinador, que é um x da confluência, que é o x da encruzilhada. Que é o que nós precisamos tanto. Estou muito feliz por estar aqui, por estar aqui entre pensadores e pesquisadores. Nós precisamos

efetivamente de estudos decoloniais ou contracoloniais, como Nego Bispo vai chamar. Nós precisamos daquela epistemologia que o projeto civilizatório humanista europeu desqualificou, porque é disso que se trata o projeto civilizatório humanista europeu. O projeto civilizatório humanista europeu, dos séculos 14 a 16, me angustia. Falamos de 4 mil anos de civilização, mas, na verdade, quem inventou essa ideia de civilização fazia parte desse projeto. E, neste contexto, até hoje, usamos termos que são armadilhas semânticas. Grada Kilomba fala muito bem sobre esse colonialismo linguístico, e precisamos ter muito cuidado com as armadilhas semânticas, às quais todos estamos sujeitos. Nós falamos português, a língua do colonizador, e é complicado achar uma terminologia não colonizada, mas **precisamos de outro referencial teórico**.

No lugar de “civilização”, por exemplo, temos o termo “organizações dinâmicas”, utilizado pela pesquisadora nigeriana Oyèrónkè Oyěwùmí. Eu também gosto muito da palavra “existência”, em oposição a “ser humano”. Me desagradam também as palavras humano, [desumano,] humanizado, desumanizado e todos esses binômios que foram criados pelo projeto civilizatório humanista europeu. Eu costumo dizer que antes da invenção da “humanidade”, a partir desse projeto, éramos todos “existência”. Eu gosto de me apresentar como Exu: eu existo. Todos devíamos apenas poder existir, porque antes da invenção do ser humano, depois da invenção do negro, nós éramos todos existências. Isso está, inclusive, na língua iorubá, da qual sou mais próximo. Há, nessa língua, um jeito de perguntar “como você está?”, que é “tchia alá fiani; tche ala fian?”. O tche é um modal, um marcador de interrogação, como o “do you?”, em inglês. “Alafi” significa “feliz”, “com saúde” – é uma palavra do campo da euforia. E o “ni” é o verbo ser e estar do iorubá. É muito interessante a resposta, porque não tem como responder “estou mal”, “sou branco” ou “sou preto”. A resposta é “mo wa”, apenas duas palavras. O “mo” é o pronome pessoal da primeira pessoa, e o “wa” é o verbo existir. A resposta é, então, “alegremente, eu existo”. **Antes de tudo, no berço do mundo, nós existíamos**. Após a instauração desse projeto, porém, há a desumanização dos pretos e pretas escravizados. Ele retira a possibilidade existencial desses corpos, mentes e grupos sociais e culturais. Aimé Césaire está muito certo quando diz que, no colonialismo, a Europa é indefensável. E estamos hoje, no século 21, colhendo os frutos podres desse projeto civilizatório.

Antes da invasão do Brasil, tínhamos 4 mil anos de organizações existenciais, de organizações humanas de indígenas, como diz Ailton Krenak; além de 6 mil anos de organizações dinâmicas dos povos do continente africano. Algo que me inquieta é saber que respondemos a um projeto de ontem. Precisamos retornar a esses saberes ancestrais, já que o projeto civilizatório humanista europeu, junto ao neoliberalismo e ao capitalismo, apenas deu certo para eles próprios. Esse projeto fracassou, e nós precisamos gritar isso nos nossos trabalhos. Eu falo para os meus alunos que precisamos escrever sobre isso, porque a linguagem da academia é escrita. Então, nós precisamos nos referenciar.

Considerando as ações decoloniais no campo da linguagem e do saber em geral, como Exu opera contra o regime da colonialidade?

Sidnei Nogueira:

Eu falei com a Djamilia Ribeiro¹ que queria escrever sobre os saberes de terreiro no terceiro capítulo do livro *Intolerância religiosa*, e ela respondeu que eu poderia escrever sobre o que eu quisesse. Mas o capítulo que mais gosto do livro é o terceiro, que foi uma homenagem a Exu. A primeira coisa que eu fiz foi consultar Exu, e foi ele quem pediu que o livro se chamasse *Intolerância religiosa*, e nesse momento estou escrevendo uma expansão dele. Agora, entendo o porquê desse título, porque o racista não compraria a própria acusação. O racista não acredita em racismo, ele acredita em intolerância religiosa, e é ele quem precisa ler essa obra. Tanto que já vendemos, em plena pandemia, 22 mil exemplares, sendo o terceiro livro mais lido da Coleção Feminismos Plurais.

Eu sou feiticeiro e faço magia pesada, sabe? Eu sou preto, pretíssimo, e não quero alma, espírito, evolução espiritual, pecado ou carma. Não quero nada branco, porque eu sou preto. **Não quero Jesus preto. Para que serve Jesus preto? Ele não deixa de ser Jesus.** Eles não separaram o mundo em branco e preto? Então, eu não faço a mínima questão das coisas brancas, eu não quero nada deles. O que eles inventaram foi para tirar a nossa existência. Mas sei que é difícil. É como se desintoxicar, porque vivemos em um mundo branco, o mundo é deles. Não temos dinheiro para comprar “Wakanda”, porque esse país existe apenas no filme. Mas acredito que, como intelectuais e pessoas que produzem conhecimento, não podemos permitir que nossa produção seja desqualificada. A academia não foi feita para nós, eles não nos querem lá. Mas eu faço feitiço para eles. Não falo nada, no outro dia já estou na casa de Exu, com a minha farofa de dendê, pimenta e o nome deles enrolado. Cada um luta com as armas que tem, e nós temos as armas pretas. Exu é sobre isso. A ideia mais potente e que melhor traduz Exu é a criança que brinca no mercado. Por isso, nossa sociedade odeia Exu: ela odeia criança e brincadeira. E, consequentemente, ela odeia esse mercado de Exu, porque não é apenas para comprar para acumulação, é um mercado de troca. No meu livro, inclusive, há uma banca de mercado com dois lados. O que significa isso? As pessoas me perguntam se eu sou capitalista, mas, não. Esse mercado é outro: é o mercado iorubá. Ele é uma grande feira, onde todo mundo leva o que produz, e as pessoas vão para fazer as suas trocas. Se a pessoa não tem dinheiro, ela leva a sua galinha e troca pelo produto que desejar. Porém, iorubá não usa roupa usada por nada desse universo. Ele acredita que a roupa traz toda a ancestralidade e a vida da pessoa. Mas ele costura uma roupa nova, leva para o mercado, vende na banca e compra o seu inhame, por exemplo. Então, o mercado é esse grande lugar de trocas, que só é desmontado quando a comunidade local se abastece, porque ele apenas retornará após um mês. Então, temos uma outra lógica: não é a pessoa que vive do mercado, é o mercado que vive para a pessoa.

Eu estou muito interessado em subverter a ordem de Exu. Precisamos nos colocar no centro da encruzilhada. Exu é esse mercado, ele é o senhor das trocas. Ele traz conhecimentos extremamente saudáveis – hoje tenho usado o termo epistemologias. Eu sou uma pessoa muito exuística, e Exu é a mudança. Quando eu acabo de escrever, já penso em reescrever e quero que seja publicado em uma hora. Isso tem a ver com o viver em

¹ Coordenadora da Coleção Feminismos Plurais.

Exu. Há um oriki que diz que quem quer felicidade, abundância ou saúde coloca uma porção para Exu. Exu é extremamente coletivo, ele habita em todos nós.

Quem, de fato, é Exu no pensamento de terreiro? De que modo o senhor pensa sua aplicação como um operador conceitual epistemológico?

Sidnei Nogueira:

Exu é filho de Orumilá com Iemanjá, e ele nasceu com uma fome enorme. Quando acabou o leite de Iemanjá, Exu começou a devorar tudo que aparecia pela frente – inclusive, a terra. Quando Orumilá estava distraído, Exu devorou a própria mãe, Iemanjá. Ele, então, conversou com o filho para que devolvesse a mãe. Porém, Exu simplesmente não falava nada, apenas soltava uma gargalhada. Ele tentou novamente e, mais uma vez, Exu gargalhou. Orumilá, então, pegou um facão e o abriu ao meio para poder tirar Iemanjá. Mas, ao invés de encontrá-la, nascem mais dois Exus. Ele começa a golpear o próprio filho para encontrar Iemanjá, e nascem mais centenas de Exus. A cada golpe nascia mais um Exu.

Tudo isso ocorreu no Orum². Orumilá, então, fez um acordo com o filho, e disse que, se ele devolvesse Iemanjá, seria os seus olhos no Aiê, e poderia habitar todos os seres vivos. Exu concordou. E dessa forma, todos os seres vivos recebem uma porção de Exu. Exu não apenas devolveu a mãe, como também tudo que devorou. É crucial pensarmos no poder desse mito. Exu nos habita e está em tudo. Ele provou o mundo e, ao provar o mundo, nos preparou para vivenciá-lo. Ele diz que estamos preparados, porque provamos o mundo. Então, dentro de nós há um Exu que já provou tudo, sem medo.

Há muita coisa acontecendo aqui neste “tán”, há uma multiplicidade. Exu não escolheu o que provar; ele provou tudo, até a própria mãe. Então, há uma lição muito potente nisso, que nos diz que existir é devorar o mundo, no sentido de saborear. Isso diz muito sobre a razão da sociedade odiar Exu. Ela odeia o Exu satanizado, porque ele devorou o mundo, e diz que tudo pode ser saboreado e que podemos ser múltiplos e diversos e que, afinal, podemos ser.

No “itã”, que é um pouco mais elaborado e é onde acontece muita coisa, Exu não julga, não é juiz ou paladino da moral. Ele não controla os corpos ou os desejos, ele é o próprio desejo e o próprio corpo. **Exu é o tudo e o nada.** Ele é verdadeiro, é o paradoxo. Inclusive, a saudação “Laroiye Exu” significa “salve a contradição”. A contradição é terra fértil, mas as pessoas não entendem isso. A contradição gera vida, porque, quando eu me contradigo ou questiono o que sinto, gero um novo sentimento. Quando eu questiono o meu desejo, nasce um novo. Esse é Exu, e nós precisamos falar sobre ele em nossos trabalhos. **Precisamos falar sobre esses outros saberes.** Tenho participado de muitas bancas de doutorado, e as pessoas não sabem do que estamos falando. Eu já fui afrontado e questionado sobre o que digo não ser um saber, sobre eu não ser um teórico. Mas eu sou uma pessoa cujos conhecimentos emergem da minha vivência. Existe um tipo de saber que é o

² Palavra da língua iorubá que define, na mitologia iorubá, o céu ou o mundo espiritual, paralelo ao Aiê, mundo físico.

saber científico, que é um saber testado, com metodologia e que apresenta regularidade. Mas esse não é o único saber do mundo.

Nós estamos falando de um outro tipo de saber, de um saber ancestral e tradicional, aquele que Boaventura de Sousa Santos vai chamar de “epistemologias do Sul”. O primeiro saber que temos conhecimento é o teológico, depois o filosófico e, então, o científico. Eu tenho o meu, e precisamos fortalecer outros saberes. **Esse saber dialoga com o teológico, com o científico e com tudo que é ancestral: é o saber preto.** Porque o saber teológico é branco, o saber filosófico é branco, o saber científico é branco. E hoje podemos falar, sem constrangimentos, que esses saberes brancos fracassaram. Se, no Brasil, 90% das pessoas é evangélica, é porque a religião também fracassou. Esse tipo de organização, chamada de religião, é a privatização da espiritualidade negra – sempre foi, e fracassou. Eles naturalizam a violência, a homofobia, a transfobia e casos assustadores de feminicídio. Como podemos falar que isso deu certo? Não deu, e precisamos da encruzilhada de Exu.

Pode falar um pouco mais sobre a encruzilhada? Quais são seus fundamentos e como podemos adotá-la como caminho teórico-metodológico para projetos de pesquisa?

Sidnei Nogueira:

A encruzilhada é inclusiva, mas não estou dizendo que não há tensões. A encruzilhada, inclusive, é um lugar de tensões. Mas o grande ganho de conhecimento, a partir de uma perspectiva exuística, é justamente a possibilidade de voltar ao centro da encruzilhada e fazer uma nova escolha. Nossa sociedade não permite isso, estabilidade é a palavra de ordem dela.

Se analisarmos as expressões que são do campo da normalidade e da regularidade, perceberemos que elas são do campo do dogma. O campo das verdades absolutas é o que eles julgam como estabilidade. Já **a encruzilhada é do campo da instabilidade.** A estabilidade nega a força de Exu, porque nela não há trocas, há repetição. Exu não é o senhor da repetição, ele é o senhor do novo, ele renova todo dia. Quando terminei o meu doutorado, era questionado diariamente sobre quando faria concurso para me tornar professor em uma universidade pública, como se estudássemos apenas para isso. Eu estudei as coisas pretas, a língua iorubá e as cantigas de candomblé não foi pensando em concurso, dinheiro ou estabilidade. Essa busca pela estabilidade é gerada pelo medo da ausência. Eu sempre fui um homem da gargalhada e não tinha esse medo. Eu tenho medo apenas de uma coisa na vida: dos racistas. Mas eu ando com meu patuá, passo banho de folha no meu corpo e boto a minha farofa de dendê na rua para as oitenta balas não me encontrarem. Porque os racistas já nos tiraram muito e seguem tirando durante toda a vida. **Então, para mim, se há um demônio, ele é o racista.**

Eu sempre acreditei que poderia voltar para o centro da encruzilhada e fazer uma nova escolha. Eu adoro ser velho, ter 53 anos. Já vivi meio século, e dou carteirada sobre isso. Até porque, no nosso caso, sabemos que já superamos todas as expectativas. Então, isso é motivo de orgulho. Como contribuição de um irmão, deixo uma mensagem: não deixem que a angústia lhes pegue. **O corpo preto é um corpo que ginga, ele não é um**

corpo rígido. Então, a gente pode gingar e voltar para o centro da encruzilhada. Essa é uma experiência exuística. Viver do jeito dos brancos, eurorreferenciado, é muito angustiante. A Europa é do modelo único, é universalista, e isso é negação de Exu. Porque Exu devorou tudo, não podemos esquecer disso. Ele nos disse: “Agora vá e saboreie o mundo”. Quando as pessoas me procuram, eu respondo: “Você precisa de Exu. Precisamos voltar para o centro da encruzilhada”.

Há um elemento que adoro sobre Exu, que aparece bastante nos poemas de “iniquici”, que é a passagem de quando ele foi a um babalaô, fato raro, já que Exu é orgulhoso e cheio de altivez. Mas ele foi, e estava surpreendentemente cansado, e perguntou o que deveria fazer sobre isso. O babalaô falou para ele: “Continue”. Ele então deu a sua gargalhada característica e respondeu: “Eu estou cansado e você diz para continuar? Eu deveria parar para descansar, como o senhor me dá um ‘ébó’ para eu continuar?”. Então, o babalaô disse: “Exu, se você parar, você morre. Porque sua natureza é gerundiva, é contínua. Você é a rotação, a translação. Você é o desejo, a fertilidade. Você é o movimento do mundo. Então, você não pode parar; se você parar, todos nós morremos”. O babalaô concluiu e disse que para romper com o cansaço é necessário continuar. Isso faz muito sentido para mim, porque somos da cultura que diz que romper é desistir, e isso não é verdade. **Romper é continuar.**

Há mais uma lição potente nessa passagem, uma lição filosófica de Exu, porque na nossa sociedade romper é sinal de fraqueza, de desistência e de apequenamento. Nós temos que romper com o que nos cansa e com essa noção de paraíso cristão de sermos felizes para sempre. Isso é uma mentira, não existe ser feliz para sempre. Mas, sim, existe ser feliz para sempre, de acordo com a possibilidade de continuar. Estamos filosoficamente negando a existência de Exu, e precisamos conseguir tempo para consertar isso. Precisamos parar de *falar para* e [passar a] *falar com*. E *falar com* requer um mínimo de empatia, de proximidade e de domínio da língua falada. Eu sou um senhor, e não quero falar com quem não quer falar comigo ou não quer me ouvir. De verdade, a nossa existência se concretiza pela possibilidade de se espalhar, de fazer sentido para o outro e de se fortalecer reciprocamente.

É possível relacionar os saberes de Exu aos outros saberes existentes e ao culto a um Deus cristão?

Sidnei Nogueira:

Não faz parte da perspectiva dos saberes originários validar outros saberes. A perspectiva de Exu é a perspectiva do “e” como conjunção aditiva. Exu nunca é excludente. Pensando em termos sintáticos e morfológicos, ele é o “e”. O “ou” é o Deus cristão. O Deus cristão também é uma construção semiótica e semiológica. Jesus é um mito, assim como Exu. Os mitos são produção humana, são uma produção semiológica. Se, hoje, a sociedade construiu semioticamente um Deus com uma arma na mão, é isso e não tem jeito. Então, para mim, o Deus cristão é o Deus do “ou”, da alternativa. E Exu não é Deus, nunca vamos usar essa palavra. Ele é o Deus do “e”, da conjunção aditiva, e a sua gargalhada tem a ver com plenitude. Ela emerge da felicidade e também do escárnio. Mas a base da gargalhada é a diversão, que é aglutinadora e um lugar de confluências.

Quando Paulina Chiziane diz que Deus não é propriedade privada, ela está dizendo que Deus é “e” e não “ou”, e nós precisamos deste Exu “e”. A necropolítica é a escolha de quem vive e de quem morre, e a raiz do racismo é a escolha de quem pode viver melhor ou pior. A homofobia é a escolha dos desejos que podem existir e dos que não podem; assim como a transfobia é a escolha dos corpos que podem existir e dos que não podem.

Por isso, digo que, em alguma medida, produzir conhecimento é muito angustiante. É um lugar onde somos muito subestimados se não atendemos ao outro. A academia pode ser um lugar mau e cruel. Estamos nela porque precisamos, por conta dos nossos filhos e netos, mas não é prazeroso. Uma vez, apresentando um trabalho em congresso, no qual analisei uma cantiga de candomblé, uma pesquisadora me sugeriu que eu deixasse em minhas apresentações o babalorixá do lado de fora. Quem legitima essas pessoas? Quem autoriza elas a falarem o que querem para a gente? Mas elas vão ter que aguentar outro tipo de ciência. Uma ciência viva, não é ciência de cadáver. Quando falamos da nossa cultura, praticamos um culto ancestral, é a ancestralização. Como diz o professor Jairo Nunes, a nossa cultura é bioancestral. **A nossa produção de conhecimento é de outra ordem.**

O senhor poderia falar sobre a relação entre encruzilhada e interseccionalidade, comumente compreendidos como quase sinônimos? Qual a relação possível entre estes conceitos?

Sidnei Nogueira:

Entender encruzilhada e interseccionalidade como sinônimos é um equívoco epistemológico. Eu acredito na interseccionalidade, até porque eu sou Xangô, e ele é a rocha, o amalgama. A interseccionalidade me interessa muito, porque se estamos em um país macumbeiro, somos todos macumbeiros. Por isso, eu cunhei a expressão “comunidade tradicional de terreiro e macumba”. Porque estou interessado em que nos entendamos, independentemente de umbanda, quimbanda, candomblé ou jurema, como um povo que sofre opressões. E essa é uma leitura que nasce a partir de uma perspectiva interseccional.

Há um sistema de hierarquização na sociedade, e a interseccionalidade trabalha com um conceito caro para os iorubás, que é o desafio. Desafios gerados pela sociedade, quando ela diz o que é melhor, o que é preto, o que é branco, o que é homem, o que é mulher, o que é homossexualidade e o que é heteronormatividades, cisgeneridade. Esse é um lugar de infertilidade, e a interseccionalidade quer mostrar para nós como a sociedade opera nessa produção de infertilidade, da não possibilidade de expansão de vida, de felicidade e de mobilidade social.

Existe um termo entre os iorubás que é “ibi”. Ibi é um termo que trata justamente sobre essa noção de infertilidade, de geração de desafios. Todos nós estamos transitando entre desafio e superação de desafios. Porém, existem desafios coletivos, e é disso que se trata a interseccionalidade. Ela está olhando para os desafios sociais, para a infertilidade social, que muito me interessa, até porque há nisso também o elemento discursivo. Exu é a palavra, e as opressões também se dão pela palavra e pelo discurso. Acho que Émile

Benveniste diz que somos reciprocamente produtores e produto dos discursos que produzimos. Nós produzimos e sofremos os impactos do discurso que nós mesmos produzimos. Por isso, é importante que nos descolonizemos. Porque o discurso colonial é o discurso da infertilidade, da violência, da morte, da segregação e da desigualdade. Então, precisamos descolonizar isso – inclusive, na escrita. Quando escrevo, preciso ler repetidas vezes para não cair nas armadilhas do colonialismo linguístico. Até porque, como na escrita acadêmica há muito referenciamento, acabamos referenciando a colonialidade.

Por isso, não podemos fazer essa analogia da encruzilhada com a interseccionalidade, como muitos vêm erroneamente fazendo. **A encruzilhada não é interseccional, porque ela é do campo da fertilidade**, e a interseccionalidade não estuda a fertilidade. Fertilidade é do campo semântico eufórico, da encruzilhada, e a interseccionalidade é do campo semântico da disforia social. A interseccionalidade estuda a produção de disforia social, de infertilidade, ela é produzida pelas opressões.

O senhor fala bastante sobre a ideia de circularidade. Como se daria essa circularidade, com giro e gira, dentro desse contexto da encruzilhada?

Sidnei Nogueira:

Exu é movimento. As opressões que estudamos se pretendem estáveis, e, portanto, não são circuláveis. Há um projeto colonial que quer determinar territórios, inseridos em blocos, fora da circularidade. É disso que se trata, por exemplo, a homofobia, a transfobia ou o racismo. Existe um bloco, e certos grupos de pessoas não podem ascender, ter mobilidade social, seguir os seus desejos ou projetos de igualdade. Isso se dá metaforicamente em um retângulo com quadrados em seu interior, cada um deles com um bloco de pessoas e estruturas de poder que determinam as territorialidades.

A grande questão é que ninguém está interessado em circularidade. Todo o projeto do Executivo brasileiro quer evitar a mobilidade social, e quando você tem um bloco que não pode ser questionado, você está negando a circularidade. Quando falamos sobre africanos, sabendo que o continente africano é muito diverso, há um fio condutor filosófico sobre o qual nós podemos falar. **A cultura africana é do movimento, da palavra e da circularidade**. A circularidade de Exu tem a ver com isso. É por isso que em Exu ninguém nunca morre, porque nós estamos dentro do círculo, vamos sempre nos reencontrar. Sempre falo que não existem encontros, são sempre reencontros, a partir desta perspectiva epistêmica.

O círculo é pura mobilidade social e diversidade existencial. Ninguém teme o círculo. Hoje, estou aqui com você, e amanhã estarei em outro lugar, com outra pessoa. As noções desses saberes ancestrais, ou saberes originários, são muito saudáveis, como a da circularidade e da imortalidade. Eu gosto muito de ser professor, mas não tenho condições de me vincular a uma instituição porque sei que isso requer muito tempo, e eu tenho muitas outras atividades. Me perguntam quando irei fazer concurso, mas eu não sei, porque eu não morrerei. Talvez faça, mas não nesta corporeidade, mas, dentro do círculo, um dia vou fazer o concurso. A mesma coisa quando me perguntam sobre casamento: um dia vou casar, mas pode não ser neste corpo. Então, essa noção de imortalidade e de círculo nos faz

viver sem medo ou pressa. Ser imortal quer dizer que tenho todo o tempo do mundo, e isso é saudável e terapêutico. Nós precisamos desses saberes.

Inclusão também pode ser inserida neste contexto, considerando essa relação de circularidade, mobilidade social e diversidade existencial?

Sidnei Nogueira:

Não deveria entrar. Deveríamos fazer duas colunas: do que efetivamente pertence a esses saberes e do que não pertence. Então, não deveria, porque, na realidade, não há exclusão [nesse contexto de circularidade], considerando que tudo está dentro do círculo. Entramos novamente na perspectiva do “ou”, porque esse lugar não produz exclusão. Não estou dizendo que não haverá tensões ou conflitos, porque haverá. Mas, se estamos no círculo, invariavelmente, vamos chegar ao lugar almejado. A ideia é justamente a metáfora de uma saia girando: ela tocará em tudo fluidamente. A exclusão existe a partir da criação e da perspectiva ocidental, mas dentro do círculo não existe. No círculo, você olha e vê tudo, o círculo já é tudo. Exu é fractal. Há muita matemática no símbolo de Exu, que é uma concha espiralada, como um cone. Começa em um lugar em que se encontra, e vai e volta, como a vida. **A vida deve ser justamente esta circularidade *ad infinitum*, como esse grande vai e vem espiral.** Mas eu não tenho nada resolvido; por isso, gosto de conversar, porque conversando pensamos em nossas produções. E, para isso, servem, por exemplo, os grupos de trocas e de estudos.

No ato de pesquisar e de escrever na academia, como é possível escapar da colonialidade? Como corpos e sujeitos racializados podem ocupar esses espaços de construção de conhecimento diante das estruturas de opressão que acometem o lócus científico?

Sidnei Nogueira:

O meu pai era um homem preto e semianalfabeto do sertão da Bahia. Minha mãe é uma mulher parda, com alguma passabilidade – então, eu nasci mais claro. Mas me lembro do meu pai, que morreu precocemente de tanto trabalhar como caminhoneiro de betoneira de concreto, quando dizia: “A única coisa que quero de vocês é que um dia vocês possam dizer seu valor”. Então, digo para todos, inclusive àqueles que estão trilhando o caminho acadêmico, que somente quem pode dizer o nosso valor somos nós. A ciência dos brancos é a ciência dos mortos, ela é diferente da nossa. Se não ocuparmos esses lugares, falando por nós, quem o fará? É fundamental que estejamos nesses lugares, mesmo diante da opressão que faz de tudo para que desistamos.

Na nossa ciência, trabalhamos com as nossas dores. Quando falo, estou revisitando as minhas dores. **A minha ciência é a ciência dos vivos.** Então, precisamos gingar. No mestrado, será menos do nosso jeito; no doutorado, fica mais do nosso jeito; e assim

seguimos. Eles são tão perversos que não temos nem o direito de desistir, porque livre-arbítrio é coisa branca, desistir é coisa branca, liberdade é coisa branca.

Outro dia, estava dando uma entrevista para o projeto Coisa de Preta, que será transmitida na televisão em formato de documentário. A última pergunta do jornalista foi se eu acreditava em liberdade. Eu respondi que acredito, mas que eu não tenho. Porque liberdade é coisa de branco e, mais ainda, da cis-heteronormatividade branca patriarcal, para ser mais interseccional. Nós não temos liberdade.

Temos que entender que está tudo bem em sentir tristeza. Precisamos separar a saia vermelha da pomba-gira e sair por aí pulando feito loucos. Eu fazia isso no meu doutorado, até bordei o nome da minha orientadora na minha saia, como uma mandinga. Eu rodava e rodava, e quando minha mãe entrava no quarto, ela achava que eu estava louco.

Tive bolsa de estágio doutoral na França, e finalizei o meu doutorado. Eu, hoje, estou aqui, colhendo os frutos de todas as dores que nós suportamos. Eu falo para todos: por favor, chore, ponha a saia da pomba-gira e vamos lá. Eles não entendem a nossa língua, eles fazem ciência de cadáver. Nós fazemos ciência viva. Quem vai pesquisar sobre o que não lhe interessa? Temos que focar na nossa pesquisa, nos nossos e no que acreditamos.

Quando usamos a sabedoria exuística de devorar a colonialidade e seus produtos, muitas vezes podemos sofrer violência. Como o senhor vê o enfrentamento e o confronto epistêmico nesse contexto?

Sidnei Nogueira:

Sou professor e gosto de uma produção acessível, que faça sentido e que todos possam ler. E, no momento, eu estou escrevendo um livro, que sai ano que vem, sobre um assunto que vem me interessando muito, que é a dessatanização do terreiro. Este é um dos meus campos de batalha. É importante que possamos falar com naturalidade sobre Exu, sem essa pecha de satânico. E quem pode dessatanizar Exu? Quem pode dessatanizar a mulher? Quem pode dessatanizar a homossexualidade? Somos nós que podemos fazer isso. E, para isso, temos que poder falar sobre Exu com naturalidade, mais como conhecimento, e menos como símbolo religioso. A religião é branca, e **Exu não é um símbolo religioso, ele é anterior à invenção da religião. Ele é justamente a episteme.**

Tudo isso faz um pouco parte do meu novo livro. Estou trabalhando com a noção dos saberes originários dos orixás, que é uma cultura que conheço e a qual eu vivencio. Ogum é realmente um cortador de cabeças, mas ele também é líder dos líderes. Ele é estrategista e agricultor. Então, há muita coisa acontecendo, e a gente precisa entender. Há uma parte exuística de um verso de oriki que diz que Exu toma partido sem nenhum constrangimento. Nós precisamos tomar partido e escolher um lado para viver. O lado da vida ou o lado da morte. O lado da igualdade ou o lado da desigualdade. Esse processo é doloroso, porque, quando escolhemos um lado, naturalmente acabamos nos colocando em guerra com o outro. Mas precisamos fazer isso, porque, caso contrário, corremos o risco de matar um parceiro ou uma parceira.

Eu não acredito em pecado. Para mim, inimigo é inimigo e amigo é amigo. Hierarquia é um valor civilizatório africano, e eles sabem quem é quem e que lugar cada um ocupa. Então, não podemos fingir que podemos dialogar e acolher todo mundo ou transformar gente má em boa. Eu não tenho essa ilusão de crer que está tudo bem e no mito da cordialidade brasileira de que todos somos iguais e filhos de Deus. Foi isso que nos trouxe até esse momento que vivemos.

Então, um pouco de Ogum-Pa está nisso: a ideia de que cabeças devem ser decepadas para que continuemos vivos. Eu penso que há cabeças que devem, sim, ser decepadas. Por isso, eu afasto certas pessoas do meu convívio. Eu tenho um terreiro em São Paulo, com 120 pessoas, que é uma comunidade considerável. Há pessoas que eu fiz questão que saíssem da comunidade, porque elas estavam em cima do muro. Neutralidade serve para quê? Para botar o outro para morrer por você. Eu penso que a gente é isso: Ogum que decepa a cabeça do tirano e do injusto. Não temos como ser bonzinhos. Morte gerada por feitiço não deixa pistas; então, não vou ser preso. E cada um luta com as armas que tem.

Sobre a ideia da ciência viva, considerando que Exu é a palavra, o senhor poderia falar sobre esse desafio que temos de reencantar a palavra, trazendo o corpo de novo para a palavra e para a educação?

Sidnei Nogueira:

O carrego colonial está aí, ele é a estabilidade, a inércia e o controle dos corpos. Nós ainda achamos que criança é adulto em miniatura, isso mudou apenas no livro e na sociologia. Queremos controlar a alegria da criança e o seu movimento. Quantos de nós, pretos e pretas, quando estávamos na escola, éramos considerados muito sapecas?! Mas infância é justamente isso. Uma vez, uma mãe me confidenciou que a professora dizia que o filho dela era um Exu, porque ele não parava. Errada ela não estava. O problema é que eles odeiam Exu. Mas a criança é Exu que brinca no mercado.

* * *

Fernanda Carrera

Professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Líder do grupo de pesquisa Laboratório de Identidades Digitais e Diversidade (LIDD), baseado na UFRJ. Doutora em Comunicação pela UFF. Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Denise Carvalho

Pós-doutoranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPgEM-UFRN). Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (SP).

Sandra Martins

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Flávia Fontes

Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Amanda Moura

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Rosane Romão

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Ana Carla Ferreira dos Santos

Mestre em Cultura e Territorialidades pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Catharinna Marques

Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Maiza Soares

Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Ana Luiza Farias

Graduanda em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).